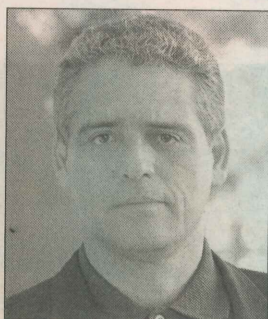


Mosaico cultural capixaba



João Gualberto Vasconcellos

Dentro do Projeto Espírito Santo 2025 coordenei uma mesa com a presença de vários estudiosos do Espírito Santo. Profissionais que se dedicam a compreender nossa gente, estudar nossa identidade. Preocupam-se também com a nossa imagem.

Dessa discussão, creio ter ficado claro que o Espírito Santo somente a partir da segunda metade do século XIX conseguiu sair do marasmo econômico em que se encontrava.

A cultura do café, cultura no sentido mais profundo do termo, é que deu ao Estado a propulsão necessária ao seu crescimento econômico.

Mas foi a partir da década de 70, na época da ditadura no País, que o Estado entra para o mundo globalizado, tendo como configurações visíveis dessa entrada mundializada, a presença de empresas do porte da Aracruz Celulose, Companhia Siderúrgica de Tubarão, Companhia Vale do Rio Doce e Samarco.

A linha de raciocínio que se desenvolveu na mesa foi a de que, apesar de sermos um Estado com médias de crescimento acima da nacional, ainda somos um Estado pouco conhecido para a maioria dos brasileiros.

A ausência de elementos culturais com mais visibilidade como possuem os gaúchos, os baianos, os mineiros, não nos coloca no rol dos estados que atraem um grande fluxo de turistas, por exemplo.

Nesse sentido, os estudiosos lembraram o que constitui, então, a nossa identidade. Se fôssemos pensar que o Estado poderia ser representado por uma figura metafórica, o mosaico seria o que melhor nos representaria, uma vez que o mosaico é constituído de várias partes, de vários fragmentos que só têm alguma lógica se pensarmos o todo, ou vemos o todo.

O mosaico não é mosaico se pensarmos cada parte do mesmo, cada fragmento. Somente o todo pode explicá-lo. E é assim a configuração da identidade capixaba, porque somos italianos, negros, índios, alemães, poloneses e outras culturas que, separadas, represen-

tam os fragmentos, os pedaços, mas que justapostas compõem o povo capixaba, representando melhor nossa diversidade, nossa multiplicidade.

No entanto, alguns elementos não ajudaram o Estado durante todos esses anos a ligar, juntar esses pedaços tão diferentes, tão díspares, culturalmente diversos.

É nesse ponto que reside a nossa grande dificuldade, o nosso grande desafio: pensar em algo que cole esses elementos. E é para dar conta disso que os projetos para o nosso futuro devem ser pensados.

Para nós o amálgama está na educação, na compreensão dos elementos populares e eruditos para a construção de um saber, de um pensamento capixaba que pudesse ser disseminado tanto para a sociedade quanto para o Brasil, para ajudar a dar visibilidade a este Estado chamado Espírito Santo.

Para tanto, foram pensados alguns projetos para dar conta

dessa demanda. Ao todo foram pensados seis. O projeto âncora, a formulação de políticas educacionais, com o objetivo de recuperar e manter os meios de conhecimento (ou os aparelhos ideológicos) para dar visibilidade/valor à cultura capixaba, ou seja, através da alteração nos currículos escolares, dos arquivos, museus, universidades, escolas públicas, bibliotecas. Por meio da formulação de políticas voltadas à área educacional que valorizem e incorporem no seu cotidiano essa cultura.

Pois a finalidade das políticas educacionais é ser um instrumento para se projetar de pessoa que compreenda e transforme a realidade.

No nosso caso específico de cidadãos que, ao compreender nosso passado e nossas tradições, aumentem seu orgulho da terra em que nasceram, ampliem sua cultura cívica e ajudem a construir uma sociedade de melhor.

João Gualberto Vasconcellos é doutor em Sociologia e professor da Ufes

“O mosaico não é mosaico se pensarmos cada parte do mesmo, cada fragmento”